

NOTAS PARA NÃO ESQUECER: experiências de um intercâmbio na Argentina

NOTES NOT TO FORGET: experiences from an exchange program

Gabriel Freitas de Oliveira¹ - UEPA 
Ivanilde Apoluceno de Oliveira¹ - UEPA 

RESUMO

Este texto nasce de experiências de um intercâmbio na Argentina. Para elucidar os pensamentos que o atravessam, adotou-se o ensaio-teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, considerando que o deslocamento geográfico não representou unicamente uma viagem com a finalidade de formação universitária, mas significou certa travessia pessoal, à medida que tensionou dimensões humanas fundamentais durante os meses de estadia argentina. Assim, o objetivo deste artigo é discutir a mobilidade acadêmica como processo formativo, refletindo acerca das trajetórias epistemológicas, existenciais e criativas que emergem dessa vivência. Neste cenário, são basilares as contribuições de Paulo Freire, Walter Kohan e Jorge Larrosa aos diálogos sobre educação, infâncias e experiência, que interrogam: que pode acontecer à formação de um/a estudante quando se torna estrangeiro/a em outro lugar? Em vista disso, muitas viagens couberam em uma só, evidenciando outros olhares epistemológicos, inventividades acadêmicas e afetividades que ultrapassam fronteiras.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Formação; Infâncias; Mobilidade acadêmica.

ABSTRACT

This text emerges from experiences of an academic exchange in Argentina. To elucidate the reflections that traverse it, a theoretical-reflective essay with a qualitative approach was adopted, considering that geographical displacement represented not only a journey for university education, but also a personal crossing that brought fundamental human dimensions into tension during the months spent in Argentina. Thus, this article discusses academic mobility as a formative process, reflecting on the epistemological, existential and creative trajectories emerging from this experience. The contributions of Paulo Freire, Walter Kohan and Jorge Larrosa are fundamental to dialogues on education, childhoods and experience, raising the question: what can happen to a student's formation when they become a foreigner in another place? Many journeys were contained within a single one, revealing other epistemological perspectives, academic inventiveness and affectivities that transcend geographical and symbolic borders more broadly.

KEYWORDS: Experience; Formation; Childhoods; Academic Mobility.

¹Mestrando em Educação pela UEPA. Graduado em Filosofia pela UEPA. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP). E-mail: profgab.filo@gmail.com

²Pós-Doutora em Educação pela PUC-Rio. Doutora em Educação pela PUC-SP. Mestra em Educação Popular pela UFPB. Graduada em Filosofia pela UFPA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA. Coordenadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP). E-mail: nildeapoluceno@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Experienciar um intercâmbio é difícil. Começo a primeira reflexão com essa afirmação porque ela concentra inúmeros sentimentos, inquietações e deslocamentos que me acompanharam durante minha estadia em La Plata, na Argentina. Essa vivência provocou (in)certezas entorno de meu próprio processo formativo, sobretudo porque me permitiu viver a realidade de estudante intercambista e seus vários atravessamentos: habitar a cidade, perceber os espaços, estudar, escrever, socializar.

Para situar o/a leitor/a, é importante pontuar que essa experiência se deve ao meu ingresso no Programa Abdias Nascimento – subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)² –, enquanto estava no primeiro semestre de 2025, cursando o segundo ano de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), situada na cidade de Belém do Pará. Neste programa, optei pela linha *Saberes Culturais e Educação na Amazônia*, onde pude desenvolver meu projeto de pesquisa inicial sobre Filosofia e crianças (da rede pública de ensino), utilizando a exibição de um filme para apoiar as eventuais observações em sala de aula. Isso mudaria após a experiência no intercâmbio.

Retomando a frase que inicia este escrito, é preciso destacar que não a posiciono dessa maneira por razões emocionais, pelo contrário, a dificuldade a qual me refiro é amplificada quando se está fora do lugar que conhecemos, isto é, em outro país. Por isso, as adversidades foram muitas: viajar para um lugar desconhecido, ter concentração para os estudos, lidar com a ausência da família e amigos, habituar-se a uma nova língua, ao clima, à casa, à terra. Essas situações só ganharam materialidade em fevereiro de 2025, quando cheguei a terras argentinas com duas malas e o estranhamento de ter tido coragem de embarcar para esse mestrado-sanduíche. Nenhuma universidade nos prepara para o desconhecido.

Considero que a coragem seja também uma palavra que caiba em minha frase inicial porque não há como estar na educação, na filosofia, sem arriscar-se, deslocar-se e perguntar-se; isso, indiscutivelmente, é um pré-requisito para ingressar em um intercâmbio, não importa o tempo e lugar, é necessário aventurar-se. Nesta empreitada pedagógica, fui à Argentina com a proposta de estudar o campo da infância em sua dimensão filosófica. Embora o plano de atividades apontasse um cronograma conciso, os caminhos dessa viagem levaram-me para lugares que confrontam teorias e inauguram outras concepções de práxis. A esse movimento, que me atravessou, chamo de experiência.

Não posso tomar *experiência* como mero acontecimento, pois refiro-me a algo que nos atinge, de tal forma que não se pode ignorar. Vivenciar o intercâmbio fez-me pensar em todos os processos que me marcaram e transformaram o sentido do mestrado-sanduíche. Nesse viés, este texto objetiva discutir a mobilidade acadêmica como processo formativo, refletindo sobre as trajetórias epistemológicas, existenciais e criativas que emergem dessa vivência. Para isso, parto de três movimentos reflexivos: a princípio, é crucial problematizar o intercâmbio e sua natureza formativa; posteriormente, discutir infâncias argentinas dialogando com as amazônidas; por último, centralizar a experiência como elemento transformador na formação humana.

²O Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento implementou o projeto *Desigualdades e travessias interculturais: ações integradas de ensino e pesquisa para qualificar a formação na pós-graduação em Educação* por meio da rede de cooperação entre quatro instituições de ensino superior: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Universidad Nacional de La Plata (UNLP).

Em razão de assumir o caráter fluido e imprevisível de minha experiência na Argentina, é que organizo o título deste trabalho em *notas*, porque não pretendo apresentar um determinado objeto de estudo mas, sim, apontar minhas percepções teóricas, descobertas epistemológicas e emoções pessoais que não ouse esquecer. Essa posição, então, permite-me indagar sobre o que pode acontecer à formação de um/a estudante quando se torna estrangeiro/a em outro lugar? Que relação se constrói com a educação a partir dessa experiência? É possível ser outro/a, isto é, estrangeiro/a de si mesmo/a?

FORMAR-SE EM OUTRO LUGAR: o que esperar?

Todas as viagens têm uma história e um antes da viagem. [...] Eis uma das singularidades do tempo das viagens: ele começa antes de começar e termina depois de terminar.
Walter Omar Kohan

Sempre considere que as viagens duram muito mais do que os dias viajados, uma vez que os planejamentos se iniciam bem antes da partida. Em termos burocráticos, a mobilidade internacional acadêmica ocorreu na Universidad Nacional de La Plata (UNLP) – uma das principais instituições da Argentina – que tem uma política de internacionalização bastante consistente, contando com atividades de integração e serviços disponíveis para os/as estudantes estrangeiros/as do mundo todo.

Em março de 2025, no primeiro evento promovido pela Prosecretaría de Relaciones Internacionales da UNLP, pude conhecer todo o grupo de brasileiros/as contemplado pelo Programa Abdias e, enfim, éramos doze (entre mestrandos/as e doutorandos/as), nos conhecendo pela primeira vez após tantas reuniões de planejamento pelo *Google Meet*. Naquela ocasião, em que ficamos juntos/as sem qualquer assunto ou intimidade, soube que aquelas pessoas seriam o mais próximo que eu teria de “família”, pelos próximos meses.

Mesmo em meio ao estranhamento e sentimentos controversos, tive a sorte de ter uma companhia essencial nas primeiras semanas de intercâmbio – a quem chamo de anjo. Foram dias em que não soube como me comunicar pois não dominava o espanhol tampouco entendia a espontaneidade e rapidez dos argentinos com o idioma, não conseguia me localizar na cidade porque as ruas numeradas não ajudavam, esforçava-me para ler os *outdoors* e vitrines espalhadas pelas *calles* extremamente frias e senti falta de casa, especialmente, da “quentura” que só tem em Belém/PA. Como eu teria foco para concentrar-me nos estudos enfrentando tantas ausências?

O anjo que me salvou por semanas, minha companhia de alma, precisou voltar ao Brasil e esta foi a pior ausência. Eu havia ensaiado a despedida de minha mãe, irmã e avó no aeroporto, mas essa partida me roubou as palavras e o sentimento de vazio me alcançou definitivamente. Apesar de ser um momento difícil, avalio-o como determinante porque saí do lugar, me dispus a conhecer os demais colegas e tive apoio, conversas e até identificações. Enquanto viajava, lia *Uma viagem de sonhos impossíveis* e um trecho parecia descrever aquele momento: “será uma viagem de formação, de outras e outros, e também de autoformação, de ensinagens e aprendimentos. Uma viagem menina e errantemente inventiva, no sentido de criadora de caminhos, mas também uma viagem de hospitalidades, cheiros e a-braços” (Kohan, 2022, p. 34).

Quando se é confrontado/a com esse esvaziamento sentimental, o que resta é voltar ao começo, racionalizar os motivos de ter aceitado embarcar nessa viagem tão promissora, por vezes, solitária; dentre eles, o maior era a educação. Nessa perspectiva, o intercâmbio não se tratava de um projeto educacional comportado em grades curriculares, produções, orientações e prazos, pois representava algo maior, ligado a mover-se não apenas geograficamente, mas dentro de si. Vivenciar esse movimento, problematiza a educação e suas próprias condições, isto é, que tipo

de educação se empreende em meio a tantas fragilidades e qual sua finalidade? O/a estudante aprende, organicamente, a reinventar-se, em outras palavras:

Eis a viagem de um estrangeiro, de um estranho, de um outro. É uma viagem que, como a política, incomoda, gera desconforto, tira do lugar. Viagem de uma experiência de pensamento que inquieta e impede continuar a pensar da maneira como se pensava. Viagem de polêmica e desacordos. Experiência de interrogação e de fratura da própria experiência (Kohan, 2007, p. 54).

Não existe uma resposta que resolva o problema dessa educação que, em outro lugar, provoca confrontamentos e desconfortos, afinal, parece-me que esta é sua práxis verdadeira. Uma educação apoiada na repetição de teorias, encerrada entre paredes dificilmente, abre espaço à criatividade, sequer instiga a pensar. Em contrapartida, um fazer pedagógico que desafia o/a educando/a, que o/a faz descobrir outras habilidades e estimula sua curiosidade pode ser transformador (Freire, 2024).

Nesse contexto, os/as professores/as de nossas universidades natais foram sendo substituídos por nós mesmos/as na recriação de nossas dissertações e teses; pelas ruas preenchidas por vozes inaudíveis que nos aproximavam de um espanhol ainda estranho; pelos mercados e bancos que exigiam nossa comunicação envergonhada; pelas pessoas sentadas nos bancos das ruas, propondo uma pausa; pelas crianças brincando nas praças, vivendo um tempo avesso às exigências do nosso mundo estrangeiro; por informações cotidianas no *whatsapp* entre uma aula e outra. Enfim, pelo encontro entre homens e mulheres que se fazem e refazem porque se assumem “como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem” (Freire, 2022, p. 44).

A educação na internacionalização possibilita ecos dialógicos ainda mais pulsantes, porque não é possível educar-se somente na solidão. Aprende-se e educa-se na coletividade intermediada pelo diálogo, afinal, “neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (Freire, 2024, p. 112). Em vista disso, é adequado admitir a mobilidade para além de sua exigência de produtividade acadêmica e resultados, tendo em vista que o valor da experiência dos/as estudantes não pode ser dissociado dessa lógica. Nas pontuações de Jorge Larrosa (2011, p. 24-25),

Talvez reivindicar a experiência seja também reivindicar um modo de estar no mundo, um modo de habitar o mundo, um modo de habitar, também, esses espaços e esses tempos cada vez mais hostis que chamamos de espaços e tempos educativos. Espaços que podemos habitar como *experts*. Como especialistas, como profissionais, como críticos. Mas que, sem dúvida, habitamos também, como sujeitos da experiência. Abertos, vulneráveis, sensíveis, temerosos, de carne e osso. Espaços em que, às vezes, ocorre algo, o imprevisto. Espaços em que às vezes vacilam nossas palavras, nossos saberes, nossas técnicas, nossos poderes, nossas ideias, nossas intenções. Como na vida mesma.

Nesse ponto, quando instituição e educação se juntam ao trabalho do intercâmbio e à sua objetividade formativa, criam-se tensões pedagógicas, profissionais e existenciais. O movimento de “intercambiar” adquire outra camada, pois desloca estruturas e certezas, convida a reelaborar estudos, indagar a prática, reposicionar-se como pesquisador/a, professor/a, aluno/a e pessoa. Que pode essa forma de viver a educação em nossos modos de ser e existir? Há, certamente, um mistério que escapa às linhas dos relatórios e aos projetos em permanente revisão.

Esse “algo” – que se manifesta nas ausências, deslocamentos e silêncios tão impronunciáveis em períodos de viagem – nos transforma e passa a habitar o pensamento, guiando-o à invenção de outros modos de viver, pensar, falar e, conseqüentemente, de reavaliar a própria pesquisa. Trata-se de um momento que nos obriga a observar calmamente ao redor. Sob essa ótica, a experiência pode ser entendida como “uma espécie de viagem do pensamento, sem percurso previamente traçado” (Kohan, 2007, p. 21). São os ares da criatividade, da familiaridade e contemplação de *estar* no país que nos prometeu a formação.

Desacelerar – como os argentinos em suas longas conversas nas calçadas – permitiu-me olhar para meu objeto de pesquisa para além de um tema fechado. Diariamente eu o via acontecer nas enormes “*plazas*”, firmando presença: as crianças se movimentavam como se ensinassem outra maneira de ocupar aquele lugar. Eram as infâncias que tanto pesquisei nas bibliografias argentinas, fazendo jus ao universo habitado somente por elas. Talvez tudo tenha começado “com uma viagem e o nascimento da estrangeiridade. Uma força que ajuda a pensar, que propicia encontros” (Kohan, 2007, p. 55). Ser estrangeiro/a ganha sentido quando a experiência aponta outro modo de pesquisar, estar e ser. Assim, meus estudos sobre infância e filosofia passaram a se desenhar a partir de outras epistemologias, revelando perguntas nascidas da observação cotidiana das crianças de La Plata.

INFÂNCIAS, FRONTEIRAS E OUTRAS REFLEXÕES

Nas ponderações anteriores tenho tentado eleger o momento exato que passei a ter olhar atento para a minha pesquisa, apesar das dificuldades diárias na Argentina. Mas, foi no imprevisto, que possivelmente houve esse deslocamento de mim, de quem eu estava sendo. De repente, escrever sobre infância perdeu o sentido, uma vez que eu estava diante de muitas outras crianças, tão diferentes das que eu já conhecia no Brasil; outras infâncias plurais e vivas. A distância de minha cidade parece ter contribuído para que meu olhar se reeducasse, que meus pensamentos se “alfabetizassem”, porque eu não poderia escrever acerca de uma infância e, sim, dar importância a todas que existem. Meus escritos, então, vislumbravam o horizonte das infâncias e eu estava começando a ressignificar toda a experiência de estar em La Plata. Em meu livro de cabeceira, Walter Kohan parece me acompanhar nessa viagem quando destaca:

Acho que é uma espécie de loucura infantil, de querer sempre começar, ou conectar, deixar aberta a possibilidade de conexões, de nunca querer fechar ou terminar... De pensar que a vida, a educação, a filosofia, o pensamento, a amizade, o amor, enfim, todas as coisas maravilhosas da vida têm a ver com começar, e é possível que às vezes tenhamos que recomençar várias vezes... (Kohan, 2022, p. 23).

Sobre isso, é pertinente ressaltar, novamente, os movimentos e desconfortos da mobilidade acadêmica quanto às nossas pesquisas. Foram incontáveis as vezes que tive de recomençar por conta das formações e informações que me eram dadas em espaços informais (Freire; Guimarães, 2022, p. 31). Dividir o tempo entre explorar a cidade e dispor-se à escrita era uma das tarefas mais difíceis e, novamente, outra dimensão dessa experiência me toca, precisamente, quando os/as colegas compartilhavam suas angústias e avanços pessoais. Por essa razão,

Viajar requer muita energia. As viagens demandam um esforço e uma presença que, dependendo do caso, podem significar multiplicar as forças que puxamos quando estamos em casa. Numa viagem como essa, então, eu sentia que devia

redobrar o esforço para dar conta das suas diversas dimensões (Kohan, 2022, p. 67).

Ter ciência de que não estamos sozinhos/as em nossa condição de estrangeiros/as é um afago e, justamente por conta desse reconhecimento, somos atravessados/as por essas trocas e sentimentos comuns a todos/as, especialmente porque não há experiência sem certo “acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar” (Larrosa, 2011, p. 5-6). Nesta lógica, as crianças argentinas, enquanto o/a outro/a em relação a mim, deslocavam-se, reinventando suas brincadeiras, ocupando as praças e escolas com suas mochilas e brinquedos, afirmando suas infâncias e delimitando seus territórios de imaginação e criatividade.

Em minhas caminhadas no fim de tarde, nesses deslocamentos que não eram somente corpóreos, mas, em partes, epistemológicos, deixei meus pensamentos livres, despreocupados de prazos ou aulas, para que, talvez, pudesse pensar como elas, ocupar espaços como aqueles meninos e meninas tão vastos/as de si, seguros/as de suas existências. Eu precisava dispor da mesma segurança para seguir pesquisando, aprendendo, errando, acertando e cultivando minha curiosidade, sobretudo pelo fato de que “é ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer” (Freire, 2024, p. 84).

Nesse sentido, as vivências na Argentina materializavam-se, também, em dois espaços formativos: Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e Universidad de Buenos Aires (UBA). Na UNLP encontrei uma realidade chamada “intercâmbio internacional”, na qual estudantes de várias partes do mundo buscavam entender-se, compartilhar conhecimentos e habitar um mesmo ambiente acadêmico. A inserção nesse cotidiano de eventos, reuniões, bibliotecas cheias e comunicações diversas, deslocou meu posicionamento epistemológico diante da dissertação que eu desenvolvia. Reconheci, nos obstáculos diários daquela universidade, reflexos das dificuldades que enfrentava ao tentar compreender e delimitar meu objeto de pesquisa; de certo modo, minha condição de estrangeiridade atravessava, conjuntamente, o território geográfico e o acadêmico.

O esforço para compreender as interações e dinâmicas do ambiente universitário, converteu-se em convivência natural e possível. Esse movimento reverberou totalmente em minha pesquisa, tendo em vista que passei a questionar sobre como deveria me posicionar diante das crianças, em que bases seriam construídas essa relação e quais resultados eu esperaria dessa aproximação. A UNLP permitiu-me experimentar essa tentativa de comunicabilidade com o/a outro/a – diferente de mim em ideias, idades, opiniões, contextos sociais, econômicos, políticos e existenciais. As crianças (público-alvo de minha pesquisa) representam o/a outro/a que insisto em dialogar.

Sob essa ótica, a vivência na UNLP – embora não tenha cursado disciplinas formais – reconduziu minha postura teórico-metodológica, suscitando a saída do lugar de pura observação para um território de diálogo direto, vivo, fluido e inesperado, *com* meninos e meninas. Territórios adultos e territórios infantis que, se mediados pela abertura ao diálogo, constroem outras filosofias possíveis.

Essa mudança epistemológica em meus estudos confirmou-se, firmemente, após uma das atividades que participei na Argentina, na qual pude dialogar com outros/as pesquisadores/as sobre infância. A referida interação, intitulada *Infancias espectrales: figuraciones de les menores en la literatura y en el cine argentinos*, aconteceu ao longo de quase dois meses no ambiente virtual da Universidad de Buenos Aires (UBA), conduzida pela professora María José Punte. Em um grupo diverso de pesquisas e nacionalidades, discutimos sobre as representações infantis no cinema e nos textos literários, ressaltando a dicotomia adulto/criança e questionando seus

enquadramentos culturais; desta vez, a contribuição às minhas investigações acadêmicas deu-se no campo conceitual.

Entre os encontros semanais rodeados de debates artísticos, literários e filosóficos acerca das infâncias argentinas, compreendi a dimensão territorial daquelas discussões, pois eram estudiosos/as de várias instituições argentinas, aprofundando-se em discussões sobre as crianças de seu próprio país, propondo avanços nas pedagogias escolares, problematizando as políticas públicas e pesquisando sobre a complexidade das infâncias contemporâneas. Nessa perspectiva, participar de *conversatorios* e *seminarios de doctorado* incidiu diretamente no desdobramento de meus escritos, justamente porque comecei a localizar, conscientemente, as infâncias presentes em minhas reflexões; infâncias paraenses, da natureza, que falam a partir de outro lugar.

Assim, naturalmente, em minhas reflexões de pesquisa, as infâncias e fronteiras delineavam-se tão múltiplas quanto distintas: de um lado, crianças *platenses* declaravam suas presenças recorrentes nos domínios públicos pensados para elas e integravam-se aos espaços dos adultos; enquanto meninos e meninas amazônidas afirmavam outras maneiras de defender suas territorialidades, entre rios, passagens, quintais e calçadas. Todas essas infâncias interrogavam-me e convocavam-me a uma outra experiência de escrita, a outros posicionamentos epistemológicos, filosóficos, pedagógicos e pessoais. Isto se explica, visto que,

De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência (Larrosa, 2011, p. 7).

Remontar esses eventos, levou-me à reflexão imediata acerca de minha prática pedagógico-filosófica, de modo que, aqueles debates teóricos trouxeram outras ideias para a dissertação e perguntei-me o que provocaria o contato entre as crianças e a literatura? Que interpretações e diálogos elas trariam à tona? Desde então, tenho tentado ler junto delas e aprender com seus modos de pensar, ocupar, verbalizar e teorizar. São as epistemologias infantis que nos convidam à transformação de nossa práxis.

VIAJAR COMO UMA CRIANÇA

A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa.
Jorge Larrosa Bondía

No fim das contas, o intercâmbio não se resumiu às minhas atividades acadêmicas, cursos ou eventos; foi algo que *me* passou, porque me mudou, me atravessou e segue comigo. Falo das memórias dos cheiros inigualáveis que preenchiam as docerias, das comidas que me fizeram voltar ao mesmo lugar por semanas seguidas, das crianças que brincavam nas plazas sem competir com o tempo, das noites em que escrevi algumas linhas da dissertação, dos silêncios pedagógicos que me ensinavam sem palavras, dos dias que precisei lidar com a saudade e dos amigos que fiz nessa saudosa experiência. Por isso, “a experiência supõe, como já afirmei, um acontecimento exterior a mim. [...] o lugar da experiência sou eu” (Larrosa, 2011, p. 6).

Ser estrangeiro/a, sair do local em que somos nós mesmos/as, é experienciar outra forma de habitar o mundo, de enfrentar nossas dificuldades, exercer nossas virtudes; parece-me transformador viver essa condição de estrangeiridade (Kohan, 2007). Não se deve interpretar esse modo de estar em outra cidade, estado ou país apenas como deslocamento territorial, mas é, indubitavelmente, existencial, porque viajamos em nós mesmos, reeducamos o nosso olhar

para o/a outro/a, para as coisas que não se encerram nelas mesmas. Mover-se em direção ao conhecimento do/a outro/a, do que está fora de nosso domínio, reforça o compromisso com uma pedagogia democrática, pois “educar e educar-se exigem sair do lugar” (Kohan, 2022, p. 34).

Encantar-se com esse movimento – desconfortável e único – tem a ver com começar a sentir de outra maneira, assim como as crianças sentem o mundo. Semelhantemente, com o processo de “alfabetizar-se” que Paulo Freire capturou na própria memória em *Partir da Infância: diálogos sobre educação*:

Sérgio: [...] E, nesse caso, considerando sobretudo que a sua memória é mais vasta do que a minha, em primeiro lugar no que diz respeito ao tempo, pergunto: quando você era menino, como é que foi sua entrada para a escola? Como é que você ficou sabendo que a escola existia?

Paulo: [Eu tenho a impressão de que], para responder a essas perguntas, eu teria primeiro que me rever no momento que precedeu a ida à escola, mas que foi já um momento de aprendizagem, sistemática, se eu quase posso dizer assim. Foi o momento preciso em que me alfabetizei, com meus pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasci.

Sérgio: Onde isso?

Paulo: No Recife, em Casa Amarela, Estrada do Encanamento, 724.

Sérgio: Quer dizer que foram teus pais que começaram a te alfabetizar?

Paulo: Exato. E é interessante: em primeiro lugar eles me alfabetizaram partindo de palavras minhas, palavras da minha infância, palavras da minha prática como criança, da minha experiência, e não das palavras deles. Você veja como isso me marcou, anos depois (Freire; Guimarães, 2022, p. 30-31).

Esse momento, de alfabetização individual, que o educador descreve não diz respeito somente aos alcances técnico-pedagógicos do ambiente escolar/acadêmico, mas, sobretudo, revela as tantas formações que precedem a entrada na escola, na universidade, na pesquisa. Essas construções educacionais presentes nas casas, rios, ruas, praças, quintais, constituem um território primeiro que guarda as consciências, aprendizagens e saberes: a infância. Reconhecê-la como parte importante da vida concreta, nos posiciona no começo de tudo, onde está fincada a curiosidade, o encantamento, a vontade de conhecer, o estranhamento e entusiasmo. A criança, em sua íntima relação com a própria infância, valoriza a presença do/a outro/a enquanto outro/a, seja para brincar, conversar e/ou compartilhar. Com o avanço da idade, abrir-se ao que é estranho ou diferente de nós, converte-se em uma certa travessia exílica.

No mundo adulto, tais dimensões dão lugar a lógicas de conformidade, banalidade, competitividade e produtividade, que deformam a possibilidade da experiência. Neste ponto, considero que há profunda cumplicidade entre experiência e infância, fundamentalmente, porque “a experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição” (Larrosa, 2011, p. 22). O tempo infantil acolhe essas qualidades e, em razão disso, as crianças parecem andar por trilhas livres, imprevisíveis e mais amigáveis ao acontecimento.

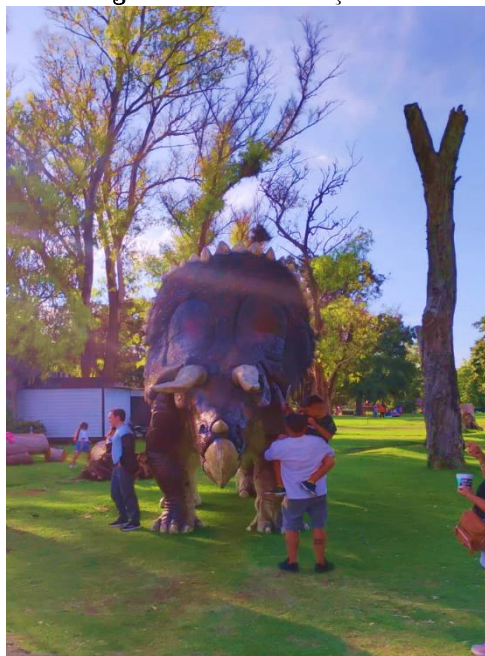
Nessa concepção, durante meus encontros com as crianças na sala de aula, em minha prática docente, observo suas relações, opiniões e brincadeiras que me convidam a sentar no chão, conversar sobre meus tempos de criança e acabam por me transportar para esse lugar inexplorado pelo/a outro/a, mas sempre guardado por mim. O lugar da infância que, se estamos

dispostos/as, aprimora nossa experiência de diálogo com o mundo (Freire; Guimarães, 2022). Porém, antes de tudo, a infância não deve ser compreendida apenas como uma etapa cronológica da vida e, sim, como forma de *estar* no mundo, de habitar os espaços com curiosidade, de não ter medo dos começos, estar aberto/a às possibilidades (Kohan, 2007).

Os meninos e meninas de La Plata trouxeram-me, gentilmente, esse encantamento com as coisas da cidade, da cultura, dos aromas e das histórias. Nesta constatação, não posso dissociar esse *olhar para o mundo* do plano afetivo; entretanto, seguramente ele trabalhou em favor de minha curiosidade epistemológica, que se expressa fortemente na infância e acontece no diálogo (Freire, 2022), sempre aberta ao que me passa (Larrosa, 2011).

Com isso, comecei a pensar sobre meus objetivos com a mobilidade acadêmica, que tipo de pesquisa eu adotaria a partir dessa experiência e qual criticidade eu desenvolveria. De certa maneira, “para perguntar é preciso perguntar-se. Por isso não é possível perguntar filosoficamente as perguntas de outro se antes não as fiz ‘minhas’ perguntas” (Kohan, 2000, p. 29, grifo do autor). Perguntas diárias que conduziram meus dias no intercâmbio e que me foram causadas pelas atentas observações às crianças e seus modos de existir.

Figuras 1 e 2 – Crianças e adultos na Republica de los niños, La Plata.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Não só as crianças argentinas me ensinaram sobre outras formas de ocupar e educar-se com/nos espaços, pois, insisto, experiência tem estreita ligação com transformação. Digo isto porque o intercâmbio deu lugar às trocas com uma criança amazônica que também levou sua espontaneidade e brasilidade às escolas, ruas e praças de La Plata. A menina expansiva, alegre e sagaz – filha de umas de nossas amigas intercambistas – nos abraçava a cada encontro e carregando seus mistérios da infância, parecia nos puxar de volta para nós, o tipo de coisa que só se explica quando dizemos ser “toda uma sabedoria de criança” (Freire; Guimarães, 2022, p. 46).

Nakawé, detentora de uma curiosidade insaciável, viajou conosco experienciando todos os sentimentos de vazios, saudades, surpresas e conexões em terras argentinas – tudo isso, à sua maneira de criança. Mudamos todos/as, de cidade, país, universidade e escola; tivemos de aprender um novo idioma, uma outra forma de vestir, comer, estudar, errar e recomeçar. Foram

meses em que meu mundo – de adulto/a – misturou-se ao dessa criança que me ensinou a sentir o intercâmbio com suas brincadeiras, perguntas e afetos. Realmente, “uma experiência de pensamento, um movimento do pensar que atravessa a vida de quem a pratica” (Kohan, 2000, p. 31).

A presença de “Naná” (como todos/as a chamavam) reconfigurou a minha experiência à medida que me tirou do lugar de observância e me pôs na convivência com a infância, em outras palavras: de mãos dadas com uma criança, entre um lugar e outro. Construímos, então, um território mediado pelos diálogos apressados, abraços infinitos e atravessamentos que permeiam o enigma do encontro com a infância. Pude alfabetizar-me, novamente, em muitas dimensões – nos estudos, na escrita e em minha própria existência.

Figuras 3 e 4 – Naná nos acompanhando em um evento na UBA e visitando minha casa em La Plata.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

As experiências na Argentina inscrevem-se nessas linhas que ainda estou aprendendo a nomear. Talvez, por isso, eu compartilhe essas imagens tão significativas para minha memória e formação – experiência que ainda me atravessa. À medida que a cidade, a universidade e as pessoas nos acolhiam, algo em nós parecia deslocar-se: tornávamo-nos outros e outras, experimentando novas formas de ser alunos/as e professores/as, desenhando novos projetos de nós mesmos.

Enquanto elaboro estas últimas notas, percebo que viajar e educar-se pedem uma disposição ao entusiasmo e ao encantamento com tudo que envolve o processo educativo, sobretudo com a experiência. Quanto mais escrevo sobre o que me passou, mais entendo que educação e formação implicam transformação. Talvez, “escrever seja uma forma de se despedir, e a minha necessidade presente de escrever a viagem seja uma forma de aceitar que está na hora desta viagem terminar, para quem sabe, poderem começar outras” (Kohan, 2022, p. 29). Se me despeço agora desta viagem, a própria curiosidade me convida a outras experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha vivência em intercâmbios acadêmicos como o da Universidade de La Plata, na Argentina, contribuiu tanto para o crescimento intelectual, ao se experimentar e dialogar sobre temas educacionais sob diferentes olhares e práticas educativas, quanto para o sentido existencial de vida, por meio das relações interpessoais estabelecidas.

Neste caso, a convivência com as crianças argentinas e, em especial, com a Naná, possibilitou-me, vivenciar na prática, o conceito de infâncias, elaborado teoricamente, para fundamentar a dissertação, o que provocou transformações significativas tanto na minha vida pessoal quanto acadêmica, principalmente em minha escrita.

A internacionalização oportunizou-me compreender que se aprende e educa-se na coletividade intermediada pelo diálogo, com o/a outro/a, o diferente, e que a afetividade e os sentimentos fazem parte da dialogicidade. Além disso, aponta outro modo de pesquisar, estar e ser no mundo.

Destaco, ainda, não ser fácil essa mudança de lugar, de língua e de descoberta de um mundo novo, experimentar outra forma de habitar o mundo, de olhar o/a outro/a, conhecer o/a outro/a e aprender com o/a outro/a. Essas experiências constituem vivências de medos, expectativas, estranhamentos e desafios, que modificam não apenas as paisagens, mas nossos sentidos e significados de vida. Muitas são as aprendizagens e transformações que nos fazem, com certeza, melhores ao conviver com as diferenças e culturas outras.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 90. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância**: diálogos sobre educação. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Uma viagem de sonhos impossíveis**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

KOHAN, Walter Omar.; LEAL, Bernardina.; RIBEIRO, Álvaro. (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. DOI: 10.17058/rea.v19i2.2444. Disponível em: Revista Reflexão e Ação – artigo completo. Acesso em: 2 jul. 2026.

PROGRAMA ABDIAS NASCIMENTO. **Programa Abdias Nascimento**. [S.l.], s.d. Disponível em: <https://sites.google.com/view/programa-abdias-nascimento/sobre>.

UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. **Facultad de Filosofía y Letras**. Seminarios de Doctorado. Buenos Aires, s.d. Disponível em: <https://posgrado.filo.uba.ar/seminarios-de-doctorado>.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. **Universidad Nacional de La Plata**. La Plata, Argentina: UNLP, s.d. Disponível em: <https://unlp.edu.ar/>

| Submetido em: julho de 2026
| Aprovado em: agosto de 2026
| Publicado em: setembro de 2026